

PREVENÇÃO DE INFECÇÕES HOSPITALARES EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: PROTOCOLOS E PRÁTICAS DE ENFERMAGEM

Ana Livia Pereira Fernandes – Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, Paraíba, Brasil.

Iza Maria Araujo Lira – Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, Paraíba, Brasil.

Silvia Ximenes Oliveira – Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, Paraíba, Brasil.

Palavras-Chaves: enfermagem na UTI; práticas de enfermagem; infecções hospitalares.

Área Temática: Pacientes em cuidados críticos

E-mail do autor para correspondência: analiviapf13@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presença de dispositivos invasivos, procedimentos cirúrgicos e condições insatisfatórias de higiene podem levar os pacientes a desenvolverem infecções hospitalares graves. Para prevenir essas complicações, é crucial seguir protocolos assistenciais adequados, como a higienização das mãos, o uso correto de antibióticos e a administração cautelosa dos equipamentos médicos.

De acordo com Teles *et al.*, (2020) As IRAS (Infecções relacionadas à assistência de saúde) constituem um enorme desafio para a proteção do paciente e para a segurança médica. Pesquisas indicam que entre 3% e 15% dos pacientes internados desenvolvem uma infecção após a entrada no ambiente hospitalar, acarretando um alto custo financeiro para as instituições de saúde, para os pacientes e seus familiares, devido hospitalizações prolongadas e incapacidades a longo prazo, que podem levar a óbito.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de quatro bilhões de pessoas são infectadas anualmente. Milhões de pacientes sofrem de IRAS, dos quais 37.000 acabam morrendo. Nos países desenvolvidos, a incidência de IRAS é de 7,6%, uma taxa inferior à de 15,5% dos países subdesenvolvidos. Dias *et al.* (2020) afirma que de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde, 2014). A infecção do trato urinário (ITU) lidera com 27% dos casos, seguida pela infecção das vias respiratórias (IVAS) com 24%, e a infecção do local cirúrgico, com 17%.

Um dos principais fatores de risco para adquirir infecções hospitalares é a internação

prolongada dos pacientes. As IRAS são mais comuns em Unidades de Terapia Intensiva, nas quais a longa permanência do indivíduo assistido pode expô-lo a bactérias resistentes e subsequente seleção natural de microrganismos. Como consequência desse processo, há demanda de serviços mais complexos e atraso na recuperação dos pacientes.

Logo, analisando a importância da temática abordada, o presente trabalho visa relatar o papel do enfermeiro na prevenção de IRAS, promover a identificação de necessidades para estudos futuros sobre o tema e preencher possíveis brechas nas produções científicas.

2. MÉTODO

Este é um estudo de revisão integrativa da literatura, com uma abordagem descritiva, que envolve a avaliação detalhada da produção científica, permitindo a organização conceitual do problema proposto pelo estudo. A questão principal que norteou toda a pesquisa foi a contribuição da enfermagem na prevenção de infecções hospitalares em UTIs.

Foram utilizadas como fonte de dados as plataformas digitais Scielo e o Google acadêmico no intervalo de tempo de setembro a outubro de 2024. Durante a busca, foram analisados criteriosamente diversos artigos que abordavam sobre o tema deste estudo. Os seguintes descritores foram selecionados: Enfermagem na UTI; práticas de enfermagem e infecções hospitalares.

Para a pesquisa na literatura, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: Artigos pertinentes ao tema proposto; redigidos em português; publicados a partir de 2020. Foram excluídas da coleta as publicações prévias à data limite; não associadas aos objetivos da pesquisa; que não se encontram disponíveis na íntegra.

Através da avaliação e análise dos dados coletados buscou-se destacar as táticas empregadas pelo enfermeiro para lidar com a problemática abordada, evidenciando a importância das estratégias adotadas pelo profissional de enfermagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estas infecções são frequentemente associadas à internação em unidades de terapia intensiva, representando um problema emergente de saúde pública. Isso se deve ao fato de potencializarem a morbidade, mortalidade e os custos assistenciais. Uma pesquisa feita no Brasil calculou os custos de ocupação diária total e média por paciente com ou sem IRAS e constatou que os gastos com tratamento de um paciente com IRAS são 55% maiores do que os de um paciente sem IRAS (ANVISA, 2021). Ademais, é evidente que essas infecções comprometem a segurança do paciente e a excelência dos serviços de saúde, tornando a assistência adequada em UTIs num instrumento imprescindível para a prevenção de IRAS.

Até recentemente, o Brasil dava pouca importância à questão fundamental do controle

de infecções, contudo, essa situação tem sofrido alterações nos últimos anos, pois medidas significativas foram implementadas para regular e prevenir as infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS). Foram promulgadas leis e realizados investimentos na formação de profissionais de saúde para a aplicação de estratégias como protocolos de "Precauções Padrão", que têm o objetivo de diminuir o risco de complicações relacionadas às IRAS. A execução dessas ações englobam a higienização correta das mãos, a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI), o uso correto de antimicrobianos, ampliação do monitoramento da incidência de IRAS e o descarte correto de objetos perfurocortantes, que são medidas indispensáveis na luta contra as IRAS.

Seguir esses protocolos é fundamental, pois traz vantagens diretas como a diminuição das infecções hospitalares, a redução do tempo de permanência dos pacientes nas UTIs e a melhoria na qualidade dos atendimentos. Portanto, a aplicação vigilante dos protocolos de controle de infecções estimula uma cultura de segurança entre os profissionais de saúde, elevando a conscientização e a responsabilidade acerca do cuidado prestado.

Segundo Dionísio *et al* (2023) O paciente está propenso a infecções devido à sua microbiota natural, que pode ser passada de geração em geração através do time de especialistas em saúde, em situações específicas onde o profissional não higieniza corretamente as mãos após atender um paciente.

Portela e colaboradores (2020) realizaram um estudo sobre o tema, que fala especificamente sobre a relevância da higienização das mãos em Unidades de Terapia Intensiva e os riscos de infecções associadas à prestação de serviços de saúde. O propósito deste estudo foi examinar a literatura acerca das práticas de higiene das mãos em unidades de terapia intensiva neonatal e adulta e suas potenciais conexões com as infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS).

No relatório final, verificou-se que a aderência dos profissionais de saúde à higienização das mãos antes do contato com o paciente é menor, enquanto a adesão após o contato é maior. Houve, portanto, uma maior adesão dos profissionais à higienização das mãos nas instruções voltadas para a proteção do profissional de saúde, em contraste com as orientações voltadas para o paciente. Logo, destaca-se a importância de implementar ações educativas para conscientizar os profissionais de saúde, especialmente em atividades na UTI, uma vez que a higienização das mãos é uma prática mais apropriada e eficaz no controle de IRAS (PORTELA et al., 2020).

4. CONCLUSÃO

A atuação dos profissionais de Enfermagem é fundamental para a comissão de

controle de infecções hospitalares (CCIH), portanto, é essencial que estes sejam qualificados e instruídos, para que saibam lidar com as possíveis adversidades da rotina nas UTIs.

Silvia *et al.*(2022) Cita em seu artigo que em relação às iniciativas direcionadas à CCIH, é de extrema importância a elaboração de normas e protocolos eficientes para combater as IRAS. As pesquisas analisadas correlacionam fatores de risco recorrentes no desenvolvimento de tais afecções, como a quantidade de procedimentos invasivos executados, falta de higiene adequada, uso de adornos e leitos contaminados.

Portanto os profissionais da saúde devem colocar em prática os protocolos assistenciais, desde a entrada do paciente na unidade hospitalar. A anamnese deve ser completa, incluindo o histórico do paciente, sondando possíveis comorbidades que constituem como fator de risco individual para contrair infecções, e interpretando adequadamente os exames complementares. Na admissão à UTI, a higienização do paciente somada à desinfecção do local onde permanecerá internado são práticas essenciais, especialmente antes de procedimentos cirúrgicos. Estas medidas, fundamentadas por evidências científicas, quando aplicadas, resultam no incremento da qualidade de assistência e saúde.

Deve ser realizada uma busca ativa e contínua para identificar pacientes acometidos pelas IRAS, com o propósito de aplicar medidas de isolamento, transferindo-o para um quarto individual, para evitar a disseminação. Deve-se atentar também ao uso correto de EPIs por parte dos profissionais quando entrarem em contato com esses pacientes, avaliar se as condutas e padrões existentes são eficientes.

A prudência e perícia técnica dos membros da equipe de saúde são qualidades diretamente relacionadas à melhora do serviço prestado, já que a assistência prestada deve ser cientificamente acurada.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, T. L., MELO, P. C. D. C., Vaz, E. C. T., JÚNIOR, A. C. D. C., PEREIRA, E. B. S., BRAGA, I. A., JÚNIOR, N. F. D. P. (2024). Prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde em Unidade de Terapia Intensiva Adulto: o olhar da equipe de enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 24(7), e16260-e16260. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/16260>> SANTOS, A. D. S., SILVA, F. R. D. S., FERREIRA, R. D. S., DA SILVA, W. A., CORREIA, J. M. (2022). Importância da enfermagem no controle de infecções na unidade de terapia intensiva. *International Journal of Health Sciences*, v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://ijhs-pdvs.institutoidv.org/index.php/Ijhs/article/view/77>> TELES, J. F., SOUZA, B. V. N., OLIVEIRA, E. F. D., MARTINS, M. R.(2020). Medidas de prevenção à infecção hospitalar em unidades de terapia intensiva. *Enfermagem Brasil*, 19. Disponível em: <<https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/2658>>

FONSECA, L. D. C. T., SOMAVILA, L., ALENCAR, A. D. S., NASCIMENTO, R. S. D. Protocolos e condutas sobre a prevenção de infecções no centro cirúrgico: atualizações e possibilidades. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 7, n. 14, p. e141152, 28 maio de 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.1152>>. Neto, L. V., Dias, M. G. G., RIBEIRO, M. C. M., LIMA, R. N. (2020). Prevenção e controle de infecções: cateter venoso central em unidade de terapia intensiva adulto. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde–ReBIS, 2(4). Disponível em: <<https://revistateste2.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/187>> PORTELA, D. D. A., MOUTA, A. A. N., ALVES, A. R. R., ALMEIDA, F. C. R. D., SILVA, A. C. B. D., LOPES, P. F., GÂNDARA, B. F., MENDES, E. D. A. S., ALBUQUERQUE, V. A., BELTRÃO, R. P. L. A importância da higienização das mãos nas unidades de terapia intensiva: os perigos das infecções relacionadas à assistência à saúde. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n. 9, p. e3854, 19 set. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e3854.2020>>. RÊGO, T. C. R., SANTANA, F. F., PASSOS, M. A. N. (2023). Atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar por bactérias multirresistentes: uma revisão bibliográfica. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 6 (13), 121-133. Disponível em: <<https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/550>>